

# VIVER EM TEMPOS DE MORTE: EXPERIÊNCIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO BRASIL CONTEMPORÂNEO<sup>1</sup>

## LIVING IN DEATH TIMES: GENDER EXPERIENCES AND SEXUALITY IN CONTEMPORARY BRAZIL

Miguel Rodrigues de Sousa Neto<sup>2</sup>

Endereço profissional: Praça Nossa Senhora da Conceição, 163, sala 20, Centro, 79200000, Aquidauana, MS  
E-mail: miguelrodrigues.snetto@gmail.com

**Resumo:** O Brasil é um país marcado pelo paradoxo: de um lado há a aceitação de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e intersexos como consumidores ou como personagens a serem consumidos a partir de estereótipos; de outro, lidera rankings de violência e assassinato de pessoas lgbti+. Busco interpretar este paradoxo a partir de discursos e práticas de grupos hegemônicos, especialmente o religioso e o científico, estruturantes dos modos como a população lgbti+ tem sido observada, marginalizada ou precariamente inserida socialmente, explicitando a violência e a eliminação física cotidiana e que molda a própria personalidade destes sujeitos e de seus movimentos sociais.

**Palavras-chave:** População lgbti+; Violência; História recente.

**Abstract:** Brazil is a country marked by paradox: on the one hand there is the acceptance of lesbian, gay, bisexual, transvestite, transgender, transgender and intersex as consumers or as characters to be consumed from stereotypes; on the other, it leads the rankings of violence and murder of lgbti + people. I seek to interpret this paradox from the discourses and practices of hegemonic groups, especially the religious and the scientific, structuring the ways in which the LGBTI+ population has been observed, marginalized or precariously socially inserted, explaining the violence and daily physical elimination that shapes the personality of these subjects and their social movements.

**Keywords:** LGBTI+ population; Violence; Recent history.

---

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

2 Doutor em História pela Universidade Federal de Uberlândia. Professor do Curso de Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Aquidauana. Líder do Laboratório de Estudos em Diferenças & Linguagens - CNPq. Orcid <https://orcid.org/0000-0001-9672-3315>.

Eu não sei se a noite me leva,/ eu não ouço o meu grito na treva,/ e o fim vem me buscar.

Trouxe pouco, /levo menos

Pedro Abrunhosa, Balada de Gisberta.

### **Sob o signo do paradoxo**

Em 20 de fevereiro de 2019 Wanderley Preite Sobrinho publicou no **Universo OnLine** matéria intitulada “Brasil registra uma morte por homofobia a cada 16 horas, aponta relatório”.<sup>3</sup> O texto apresentava parte dos dados compilados por Julio Pinheiro Cardia, ex-coordenador da Diretoria de Promoção dos Direitos LGBT do Ministério dos Direitos Humanos. O relatório foi elaborado a pedido da Comissão Interamericana de Direitos Humanos no final de 2018 e Cardia o entregou à Advocacia Geral da União. Os dados, esparsos e de difícil identificação, foram oriundos dos meios de comunicação e dos movimentos sociais, destacando-se o trabalho do Grupo Gay da Bahia, principal responsável pela reunião de dados desta natureza e sua publicização no Brasil, já nos seus boletins dos anos 1980<sup>4</sup>, e, mais recentemente, da Rede Trans Brasil, e do *Disque 100*, canal governamental para denúncias.

Há algumas questões relativas ao fato que devem ser apontadas. Uma delas é o fato de que apenas muito recentemente foram iniciadas as políticas públicas para atendimento à parcela da população formada por travestis, transexuais, transgêneros, bissexuais, intersexos, lésbicas, gays, em que pese os movimentos sociais organizados datarem do fim dos anos 1970, com a criação dos primeiros grupos e periódicos de circulação nacional. Outra, a dificuldade governamental de lidar com dados relativos à violência que corroboram para uma imagem menos atrativa do país aos observadores estrangeiros. E ainda, mais recentemente, o avanço coordenado de conservadores e reacionários que negam a existência deste tipo de violência, ou, o que poderia causar espanto, em se tratando de uma democracia, daqueles e daquelas que, estando em posições privilegiadas e no exercício de cargos e mandatos políticos, propagam discursos de ódio que têm justificado a violência contra essa parcela da população, dentre outras, que também têm experienciado o aprofundamento da vulnerabilidade, como negros e negras, indígenas, mulheres e aqueles e aquelas em situação de grave

---

<sup>3</sup> PREITE SOBRINHO, Wanderley. Brasil registra uma morte por homofobia a cada 16 horas, aponta relatório. Cotidiano, UOL, 20 de fevereiro de 2019. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/02/20/brasil-matou-8-mil-lgbt-desde-1963-governo-dificulta-divulgacao-de-dados.htm>. Acesso em: 14 de dez. 2019.

<sup>4</sup> MOTT, Luiz (org.). Boletim do Grupo Gay da Bahia: 1981-2005. Salvador: 2011.

pobreza ou miserabilidade.

Se considerarmos os elementos citados e o período de crise governamental vivido no Brasil desde a reeleição de Dilma Rousseff para a presidência da República em 2014 é provável que compreendamos a dificuldade de produção e divulgação de dados, ou, em outros casos, a vontade deliberada de ocultação dos dados de violência relativos à população lgbti+. Um dos aspectos da crise que levou à retirada de Dilma da presidência foi a misoginia presente na oposição à então presidenta; outro, a violência nos discursos que buscaram mudar os rumos estabelecidos pelo recente pleito a ela desferidos.

Assim, se em 2004 foi lançado o “Brasil sem Homofobia: Programa Nacional de Combate à Violência e à Discriminação contra GLBT e promoção da cidadania homossexual”, apenas em 2012 o primeiro “Relatório sobre violência homofóbica no Brasil” foi lançado. Nos dois anos seguintes a publicação foi mantida, sendo depois em descontinuada. Em 2018 um novo relatório, reunindo dados de 2015 e 2016 foi organizado por Marcos Vinícius Moura Silva e publicado pelo Ministério dos Direitos Humanos. O trabalho de Julio Pinheiro Cardia, entretanto, não foi publicado. O que se tem podido acompanhar pela imprensa desde 2018 é a recorrência de casos de agressão, violência e morte das parcelas vulneráveis da população brasileira, dentre elas, a lgbti+.

O exercício da sexualidade que difere na heterossexualidade e a experiência de gênero que altera de alguma maneira a cisgeneridade têm sido razão para que seus/suas praticantes sofram violência. Historicamente a prática da heterossexualidade, ou seja, do encontro erótico entre pessoas de sexo diferente, tem sido aceito como expressão de “normalidade” e adequação social. As práticas erótico-afetivas entre pessoas do mesmo sexo têm, por outro lado, sido alvo de abjeção. Do mesmo modo, a expressão social de gênero adequada ao sexo biológico, a cisgeneridade, tem também recebido chancela de normalidade e, por conseguinte, as experiências de gênero que dela diferem têm sido frequentemente relegadas ao escárnio e à violência. Assim, podemos considerar que, no Ocidente de modo geral e no Brasil especificamente, se estabeleceu um dispositivo<sup>5</sup> de sexo/gênero no qual a heterocisgeneridade ocupa o papel hegemônico, central e determinante, enquanto as outras experiências eróticas e aquelas gênerodissidentes, embora se relacionem diretamente com o modelo hegemônico,<sup>6</sup> têm sofrido ataques.

A situação tem, porém, ambiguidades. Desde os anos 1950 os “imitadores do belo sexo” se apresentavam com sucesso nos teatros brasileiros, especialmente nas “revistas”, um dos exitosos estilos teatrais do país. O ator transformista Ivam Damião, conhecido por sua expressão feminina como Ivaná, estrelava no período revistas de Walter Pinto e aparecia em filmes nacionais.

---

<sup>5</sup> Ver: FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1 - a vontade de saber*. 13 ed, Rio de Janeiro: Graal, 1999.

<sup>6</sup> WILLIAMS, Raymond. *Base e superestrutura na teoria cultural marxista*. Revista USP. mar./mai. 1989. São Paulo: USP/CCS, 1989, p. 210-224.

Em 1953, a Empresa Pinto Ltda. trouxe para o Brasil um grupo de artistas para trabalhar na peça de revista intitulada *É Fogo Na Jaca*, de autoria de Walter Pinto, Freire Júnior e Luiz Iglesias. Desembarcou também com o grupo Ivan Vitor Ulisses Monteiro Damião que dava vida à Ivaná nos palcos do teatro de revista nos anos 1950. Em todos os lugares que foram encontradas menções ao ator Ivan Damião consta que sua origem era francesa, porém ele era português.

Teve notória fama durante os primeiros anos de trabalho no Brasil, principalmente por fazer parte de espetáculos de Walter Pinto como *É Fogo na Jaca*, *Eu Quero é me Badalar*, *O Diabo que a Carregue Lá Pra Casa* e também em *Doll Face e Mais... Muito, Mesmo!* (essas duas últimas de Zilco Ribeiro). Houve muitas outras atuações em espetáculos de variedades, apresentações em boates e em filmes como, por exemplo, *Mulher de Verdade* (1954), *Guerra ao Samba* (1956) e *Mulheres Cheguei!* (1959).<sup>7</sup>

Nas décadas seguintes transformistas e travestis continuariam a espaço na cena teatral brasileira, a exemplo daquelas retratadas por Leandra Leal no documentário **Divinas Divas**, de 2017, Rogéria, Valéria, Jane di Castro, Camille K., Fujica de Halliday, Eloína, Marquesa e Brigitte de Búzios. Além dos palcos, o Brasil é o país com o maior número de buscas por vídeos de teor sexual envolvendo transexuais e travestis<sup>8</sup>, o que demonstra o interesse erótico por essas pessoas, e, ao mesmo tempo, ocupa o primeiro lugar no número de assassinatos de pessoas trans.

A Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersex (Ilga), federação que reúne 1.637 organizações de 159 países, atua desde 1978<sup>9</sup> e, entre tantas ações em vista de implementação e garantia de direitos para a população lgbti+ nos diversos países, produz relatórios e mapas que evidenciam a situação de global. Mais uma vez, o Brasil ocupa um lugar marcado pela ambiguidade: o mapa a seguir é uma atualização de outro, elaborado em 2017, referente à legislação global, apontando os países nos quais existe legislação de proteção à população lgbti+, leis e práticas jurídicas de acesso à adoção, entre outras garantias, bem como aquelas nações em que a população lgbti+ é criminalizada, chegando à pena capital.

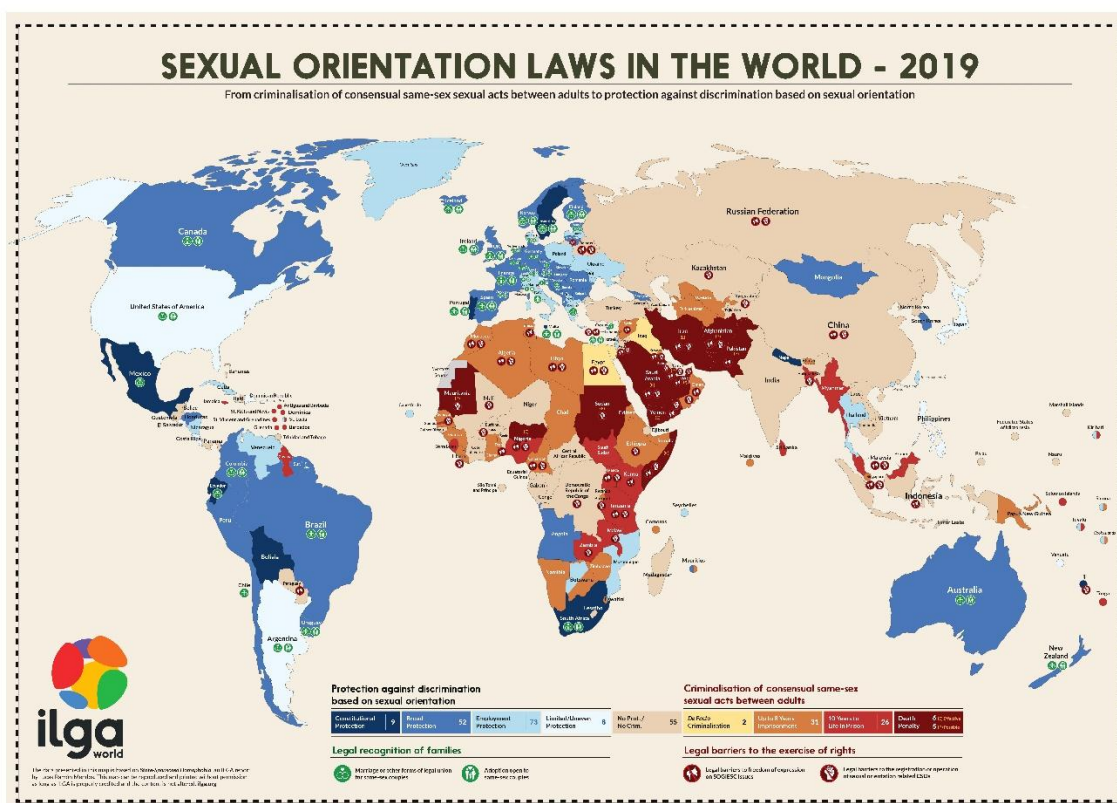
---

7 LION, Antônio Ricardo Calori de. Ivaná: a grande dúvida do teatro de revista dos anos 1950. *Albuquerque: revista de história*, vol. 7, n.º 14, 2015, p. 109.

8 GERMANO, Felipe. Brasil é o país que mais procura por transexuais no RedTube – e o que mais comete crimes transfóbicos nas ruas. *Super interessante*, 8 de maio de 2018. Disponível em <https://super.abril.com.br/comportamento/brasil-e-o-pais-que-mais-procura-por-transexuais-no-redtube-e-o-que-mais-comete-crimes-transfobicos-nas-ruas/>. Acesso em: 13 de nov. 2019.

9 O sítio da associação, do qual constam as informações, é <https://ilga.org/>. Acesso em: 7 de dez. 2019.

Figura 1



Fonte: Ilga10

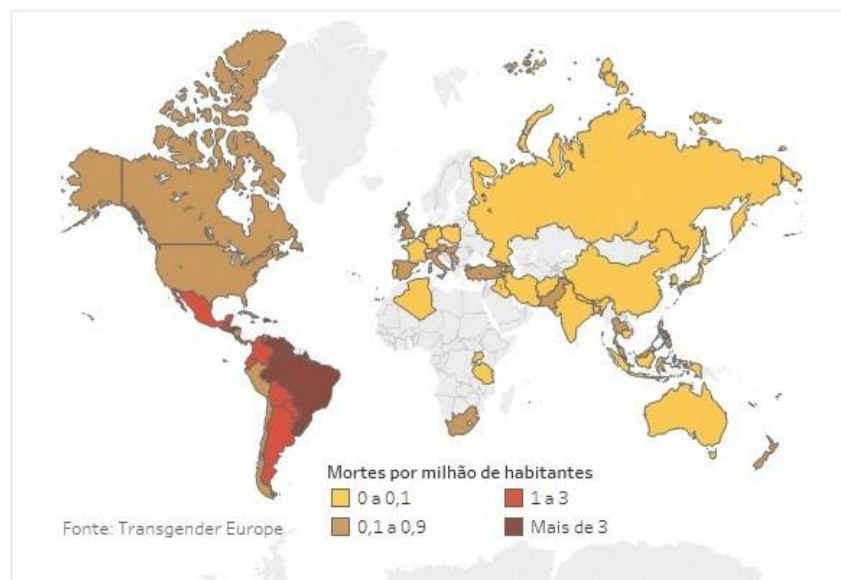
Em contrapartida, o país ocupa o primeiro lugar no ranking de assassinatos à população lgbti+. Isso, considerando o fato de que existem leis de proteção em vigência no país, assim como o reconhecimento matrimonial e para adoção. O mapa da violência contra pessoas trans que segue<sup>11</sup> é de 2017:

10 Leis de Orientação Sexual no Mundo em 2019. Ilga. Disponível em [https://ilga.org/sites/default/files/ilga\\_sexual\\_orientation\\_laws\\_map\\_2019.jpg](https://ilga.org/sites/default/files/ilga_sexual_orientation_laws_map_2019.jpg). Acesso em: 10 de dez. 2019.

11 JULIÃO, Luís Guilherme. Mapa de direitos lgbt e dados sobre violência mostram divisões e contradições. O Globo. 15/05/2017. Disponível em <https://blogs.oglobo.globo.com/na-base-dos-dados/post/mapa-de-direitos-lgbt-e-dados-sobre-violencia-mostram-divisoes-e-contradicoes.html>. Acesso em 10 de dez. de 2019.

Figura 2

Assassinatos de transexuais (2008 a 2016)

Fonte: **O Globo**.

Há que se ponderar, portanto, sobre a situação *sui generis* vivida no Brasil. A imagem de um país libertário no que se refere aos costumes foi construída e vulgarizada a partir da festa, especialmente do carnaval. As possibilidades trazidas pela fantasia, a inversão do vestuário com milhares de homens em trajes femininos, o excesso experimentado na festa – de álcool, drogas, sexo, alegria, deslumbramento – talvez sejam elementos explicativos para isso. Entretanto, não há carnaval que dure o ano todo e, o que se vê, é sobretudo violência. De longa data.

### Sob a espreita da religião

O psicoterapeuta Jurandir Freire Costa aponta, em seus estudos sobre o homoerotismo<sup>12</sup>, a dificuldade de caracterização do que nomeia “indivíduos homoeroticamente inclinados”. Grosso modo, homossexuais são aqueles que se inclinam eroticamente para indivíduos do mesmo sexo. Tais indivíduos foram/são, em diversas sociedades e tradições, marginalizados, segregados, ou mesmo eliminados fisicamente.

12 COSTA, Jurandir Freire. A inocência e o vício – estudos sobre o homoerotismo. 3 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994; \_\_\_\_\_. A face e o verso – estudos sobre o homoerotismo II. São Paulo: Escrita, 1995.

No que se refere ao Brasil, é preciso considerar a tradição abraâmica. Juntamente com ameríndios e africanos, ele foi forjado a partir das ações dos portugueses (grupo que exerceu sua hegemonia na formação deste país), católicos. A religiosidade havia sido componente do próprio processo de formação do estado português três séculos antes de suas investidas sobre a América, bem como forjou o unitarismo de sua nação por meio das cruzadas (em solo ibérico e para além dele), uma disputa por território mascarada por outra, religiosa. A influência católica foi exercida de modo a dar unidade mesmo ao que chamamos Europa.

No longo processo de imposição dos portugueses sobre o território americano que lhes coube por meio de diversos tratados, a exemplo do de Tordesilhas, os interesses pelo capital econômico (de burgueses, nobres e mesmo do monarca) e pelo capital político (sobretudo do rei) estavam aliados aos interesses ideológicos de expansão do catolicismo (mesmo que a Igreja também tivesse interesses econômicos e políticos) em um momento de cisma religioso interno à Europa expresso pela Reforma Protestante. Assim, na formação do que viria a ser chamado Brasil, a catequese católica funcionou como braço intelectual (e, por vezes, de lei) da coroa portuguesa.<sup>13</sup>

A junção de Estado e Igreja manteve-se no Brasil até o nascimento da República, nos últimos anos do século XIX, mas a influência da religião sobre o primeiro é ainda hoje perceptível e, ao que parece, crescente. Mas, o que interessa em tal tradição? Certamente o conjunto de normas impostas para o ato sexual prescrito pela Igreja antes do seu nascimento como católica, ainda no seio que daria origem às três grandes religiões monoteístas que temos, quais sejam, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo.

Marilena Chauí<sup>14</sup> busca, no cânon bíblico, possíveis interpretações do longo processo de normatização do espectro sexual. É no primeiro livro da *Bíblia* cristã, o *Gênesis*, que a autora encontrará a narrativa da “queda”, da expulsão de Adão e Eva, casal primordial, do paraíso construído pelo deus javédico. Para os patriarcas da humanidade, separar-se de Deus significou tornarem-se menos assemelhados a ele: ter conhecimento de seu corpo e perder os atributos divinos como a imortalidade, a incorporeidade, a infinitude, a auto-suficiência e a plenitude. “Corporeidade significa carência (necessidade de outra coisa para viver), desejo (necessidade de outrem para viver), limite (percepção de obstáculos) e mortalidade (pois nascer significa que não se é eterno, é ter começo e fim”.<sup>15</sup> Pelo sexo os humanos se (re)afirmam, perenemente, corpóreos e carentes, mas também permanecem produzindo seres finitos, ou seja, fadados à morte. Se, num primeiro momento, são criados do barro (Adão) e da costela (Eva), ou seja, não têm o nascimento que traz a finitude, sendo jardineiros do Deus

---

13 Ver: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. O trato dos viventes – formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil. Lisboa/Rio de Janeiro: Portugália/Civilização Brasileira, 1938/1950; HOORNAERT, Eduardo. História da Igreja no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1992.

14 CHAUÍ, Marilena. Repressão sexual, essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 82.

15 Idem, *ibidem*, p. 86.

criador em seu Paraíso, em seguida são tornados finitos, lançados fora do Éden, portanto, apartados de Deus. Os que deles nascem são a perenidade da finitude, a manutenção do apartamento entre criador e criaturas.

Seria necessário que os sacerdotes, juízes e reis do povo escolhido, da raça de Adão e dos patriarcas futuros, buscassem interpretar as vontades deste deus que se havia distanciado e, assim procedendo, transformaram-nas em normas para o povo escolhido, com vistas a impedir maior distanciamento e fúria da divindade; listaram virtudes e vícios, qualificando algumas práticas como “perversas”. Daquilo tornado perverso, parte se refere aos atos sexuais e estão listados em alguns dos livros bíblicos. Nos textos comuns às *religiões do livro (Torá, dos judeus e muçulmanos e as Bíblias cristãs)* a referência às práticas sexuais impuras, abomináveis, encontram-se no *Gênese*<sup>16</sup> e no *Levítico (lei)*<sup>17</sup>.

O primeiro texto refere-se à destruição de duas cidades, Sodoma e Gomorra. Chegando à Sodoma três homens (anjos enviados por Deus), Ló, homem de bem, levou-os para sua casa para dar-lhes pouso, comida, lavar seus os pés, ou seja, recebê-los hospitaleiramente. Os homens da cidade foram bater à casa de Ló para abusar dos estrangeiros. Ló (homem bom que é) pede que não façam mal àqueles homens, pois estavam sob seu teto, oferecendo aos habitantes de Sodoma suas duas filhas virgens para que delas fizessem o que bem entendessem. Na recusa, os homens atacam Ló e os anjos vêm em seu auxílio cegando jovens e velhos para que não encontrassem a porta da casa. Determinaram que Ló chamasse sua mulher, suas duas filhas e seus futuros genros para saírem da cidade, pois ela seria destruída pela ira divina, devido às perversidades daqueles homens. Assim o fizeram. A virgindade das filhas vale bem menos que a hospitalidade a um estrangeiro. Por outro lado, a tradição tem usado tal passagem para determinar a ignomínia daqueles homens que se deitam com outros homens.

O segundo texto, retirado do *Levítico*, é dividido em duas partes. A primeira refere-se às faltas culturais, dele denotando a separação entre israelitas e gentios, bem como suas práticas religiosas – no caso dos israelitas, marcada pelo monoteísmo. A segunda parte refere-se às faltas contra a família. É a fala do próprio deus a Moisés, patriarca, e levada ao povo. As recomendações e sanções são, em sua maioria, restrições às práticas incestuosas, em sua variedade (pai-filha; filho-mãe, irmão-irmã etc), e às abominações: “O homem que se deita com outro homem como se fosse uma mulher, ambos cometeram uma abominação, deverão morrer, e o seu sangue cairá sobre eles. (...) O homem que se deitar com um animal deverá morrer, e matareis o animal”.<sup>18</sup>

Para estes casos, incestos, homossexualidade, bestialidade, a sanção é a mesma

---

16 Gênesis 19, 1-29.

17 Levítico 20, 8-27.

18 Levítico 20, 13; 15.



– o sangue dos praticantes deverá ser derramado sobre eles. A falocracia é aí apresentada, seja na superioridade do homem, seja na segregação e subjugação das mulheres. Em uma cultura de defesa das tribos vizinhas e cujo aparato moral/religioso estava tão entranhado no governo da nação que se constituía, um homem que estivesse propenso a abdicar de sua virilidade ou de seu papel social viril estava fadado à ira divina, demonstrada pelas mãos de seus compatriotas, bastante dispostos a apedrejá-los frente à comunidade civil/religiosa/militar.

Em outro trecho da narrativa bíblica encontramos os escritos de Paulo<sup>19</sup>, ex-fariseu convertido ao cristianismo. Seus escritos são cartas dirigidas a comunidades ou figuras específicas da nascente igreja cristã, para animá-las ou instruí-las. Suas epístolas constituem-se como instrumentos teológicos e morais das comunidades. São duas as ocasiões em que Paulo nos oferece uma lista de pecados, na primeira carta aos Coríntios e na primeira carta a Timóteo<sup>20</sup>, onde aparecem os *masculorum concubitores*, os homens que dormem juntos.

Somente séculos mais tarde a Igreja buscou compreender os atos sexuais, na intenção de classificá-los e puni-los. Ronaldo Vainfas insere esse objetivo no carrear dos séculos XII e XIII. Inicialmente, a Igreja trará para seu seio o casamento, normatizando a união da carne. A partir da institucionalização do matrimônio, ou ainda, em sua decorrência, a Igreja viu-se na necessidade de esquadrihar, esmiuçar os atos sexuais, para também deles tomar conta, já que os tinha permitido por meio do casamento. Para tanto, fez-se necessário instituir a *confissão* como técnica, tornando-a obrigatória e periódica a partir do Concílio de Latrão, em 1215<sup>21</sup>. O historiador britânico Jeffrey Richards afirma que

O sexo não deveria ser usado por prazer. Segundo esta definição, todo sexo fora do casamento, tanto heterossexual quanto homossexual, era pecado, e, dentro do casamento, só deveria ser usado para fins de procriação. Os teólogos medievais enfatizaram que era um pecado mortal fazer amor com a esposa unicamente por prazer. “Um homem que está ardentemente apaixonado por sua esposa é um adúltero”, disse são Jerônimo no século IV, uma opinião frequentemente reiterada no decorrer da Idade Média.<sup>22</sup>

Seguidamente à obrigatoriedade e periodicidade da confissão<sup>23</sup>, os padres e teólogos puderam classificar os atos, constituindo uma pedagogia tanto para ouvir quanto para fazer falar. Assim, buscou-se inquirir sobre os atos sexuais, ao mesmo

---

19 São quatorze epístolas (cartas): aos Romanos, 1ª e 2ª aos Coríntios, aos Gálatas, Efésios, Filipenses Colossenses, 1ª e 2ª aos Tessalonicenses, 1ª e 2ª a Timóteo, a Tito, Filemon e aos Hebreus. Mesmo as epístolas que são endereçadas a indivíduos particulares (Tito, Filemon) não perdem o sentido primeiro que é de falar a toda uma comunidade (aos romanos, aos coríntios etc).

20 I Coríntios 6, 9-10 e I Timóteo 1, 9-10.

21 FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1 – a vontade de saber. Op. cit., p. 58.

22 RICHARDS, Jeffrey. Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, p. 34.

23 A confissão auricular (individual, entre cada pecador e seu confessor) foi institucionalizada pelo Concílio de Latrão (em 1.215).

tempo em que o confessor buscava em cada palavra, cada gesto ou hesitação, um laivo do pecado. Conjuntamente, imprimia-se o tom do pecado onde antes não havia. O silêncio tornado sinal de culpa, como um engasgo ou pequena meditação. A partir daquilo que os confessores ouviam, foi possível um aumento na lista paulina das infrações, ou, pelo menos, seu esmiuçamento, tornando os termos designativos do pecado mais precisos.

A Igreja baseava-se nos textos já comentados para agir, decepando membros viris e queimando os praticantes do pecado nefando em fogueiras, prática assimilada pelo regime nazista e adaptada por outros regimes, como o afogamento na China maoísta, a prisão e o trabalho escravo na Cuba castrista<sup>24</sup> e o linchamento nas ruas do Brasil contemporâneo.

### **Sob o escrutínio da ciência**

No século passado foi que o problema do homossexualismo começou a ser estudado por médicos e psiquiatras, interessados em descobrir suas causas, afim de que juristas e sociólogos pudessem modificar as legislações existentes, e fosse possível seu tratamento, em moldes científicos.

As práticas de inversão sexual não podiam continuar a ser consideradas, ao acaso, como pecado, vício ou crime, desde que se demonstrou tratar-se, em grande número de casos, de indivíduos doentes ou anormais, que não deviam ser castigados, porque careciam antes de tudo de tratamento e assistência.

Leonidio Ribeiro, *Homossexualismo e Endocrinologia*.

A heterossexualidade compulsória e normativa, excludente e silenciadora do que lhe é desviante, tem sido responsável por impedir de dizer, por calar, por violentar ou eliminar fisicamente. No Brasil, além do crivo religioso, os debates foram encaminhados em fins do século XIX e primeira metade do século XX, por médicos e juristas que tinham uma visão bastante distinta das práticas sexuais entre indivíduos do mesmo sexo e outras configurações subjetivas para além do “masculino” e do “feminino”.

Viveiros de Castro, professor de Direito Criminal da Faculdade Livre de Direito, no Rio de Janeiro, em fins do século XIX, foi o principal responsável por vulgarizar, no campo médico-legal, a ideia de que a homossexualidade era um desvio de caráter, uma deformação que precisava de tratamento. Justamente por isso, os pederastas não deveriam seguir para a cadeia – o que era comum –, mas para os manicômios, sem que

---

24 ALMEIDA, Amylton de. My funny valentine e A noite das longas facas – segunda parte. Vitória: Associação dos Críticos, 1985p. 11-27.

houvesse data precisa para sua soltura. O mais drástico caso brasileiro foi o de Febrônio Índio do Brasil, mantido em um manicômio judiciário por mais de meio século<sup>25</sup>.

Castro ressalta os escritos de Richard von Krafft-Ebing, que, com seu **Psychopathia sexualis**<sup>26</sup>, seria o responsável pela classificação dos invertidos ou pederastas, que, apropriada juntamente com as oferecidas por outros autores contemporâneos, foi assim traduzida por Castro: aqueles marcados pela impulsividade – o que os levaria a buscar o prazer de qualquer maneira –, o infantilismo – presente em grande parte dos pederastas púberes –, e o vício – os viciosos seriam os invertidos da pior espécie, uma vez que, mesmo conhecendo o prazer com mulheres, levavam-se às raias da sanidade para se satisfazerem<sup>27</sup>. Certamente, compunham a classe mais perigosa de perversos, porque levados aos crimes, notadamente o assassinato (do amante, pela recusa, ou daqueles que ambicionavam tomar-lhes o amante)<sup>28</sup>. Todos os invertidos deveriam receber tratamento médico.

Outros escritos da mesma cepa podem ser ainda citados, como os estudos de Augusto Forel<sup>29</sup>, seguidor de Krafft-Ebing, aqueles do psiquiatra francês Charles Fouqué<sup>30</sup>, uma pequena monografia publicada no Brasil em meados do século XX e citada com certa frequência, os de Leonídio Ribeiro<sup>31</sup>, responsável pelo exame de Febrônio Índio do Brasil, aqueles de Hernani do Irajá<sup>32</sup> e Luiz Ângelo Dourado<sup>33</sup>, ambos apresentando extensos estudos de caso sobre homossexuais criminosos ou levados aos manicômios judiciários por suas práticas eróticas ou pela prostituição. Carlos Alberto Messeder Pereira aponta que

a discussão médico-científica em torno desta questão [a homossexualidade] trazia em seu bojo uma discussão mais ampla em torno das categorias masculino/feminino – isto é, em torno da questão do gênero. (...) um aspecto central de todo o debate em torno da “inversão sexual” (ou mesmo da “missexualidade” – outra categoria da época), ao longo dos anos 30, é aquele da “mistura” – vista como negativa sob diferentes aspectos – de características “masculinas” e “femininas” e, conseqüentemente, da necessidade de “ordenar” pedagogicamente este campo do comportamento.<sup>34</sup>

---

25 Sobre o caso de Febrônio Índio do Brasil, ver: FRY, Peter. Febrônio Índio do Brasil: onde cruzam a Psiquiatria, a profecia, a homossexualidade e a lei. In: EULÁLIO, Alexandre. Caminhos cruzados: Linguagem, Antropologia e Ciências Naturais. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 65-80.

26 KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia sexualis*: as histórias de caso. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

27 CASTRO, Viveiros de. *Attentados ao pudor. – estudo sobre as aberrações do instinto sexual*. Rio de Janeiro: Livraria Moderna, 1895, p. 269-274.

28 Idem, *ibidem*, p. 276ss.

29 FOREL, Augusto. *A questão sexual*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928, p. 239ss.

30 FOUQUÉ, Charles. *Homossexualismo (o amor que não ousa dizer seu nome...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1953.

31 RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e endocrinologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1938. Ver, especialmente, “Pederastia no Brasil”, p. 85-144.

32 IRAJÁ, Hernani do. *Psicoses do amor: estudos sobre as alterações dos instintos sexuais*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1930.

33 DOURADO, Luiz Ângelo. *Homossexualismo (masculino e feminino) e delinquência*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. Ver, em especial, a “Primeira Parte”, dedicada ao campo teórico sobre o homossexualismo, p. 17-93.

34 PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O direito de curar: homossexualidade e medicina legal no Brasil dos anos 30*. In: \_\_\_\_ & HERSCHMANN, Micael M. (orgs.). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 88.

Em meados dos anos 1960, foi publicada nos Estados Unidos da América, a obra **Sexual inversion – the multiple roots of homosexuality**, organizado por Judd Marmor, traduzido no Brasil em 1973<sup>35</sup>. A obra traz alguma inovação para a interpretação da homossexualidade, como vemos:

Vale a pena fazer uma interrupção neste ponto para falar sobre a identidade de “gênero” porque se trata de um conceito-chave na personificação sexual. O termo “gênero” conota aspectos psicológicos de comportamento relacionados com a masculinidade e a feminilidade. Não tem o mesmo significado de “sexo”. O sexo de uma pessoa é o resultado de um certo número de fatores: cromossomos, órgãos genitais externos, internos, condição hormonal, características sexuais secundárias produzidas pelos estrógenos e pela testosterona, e também nas gônadas. São atributos biológicos de ambos os sexos em todos, mas a soma desses atributos na maioria das pessoas inclina-se decididamente para um ou outro dos pólos da série das combinações existentes entre o macho e a fêmea. O “sexo” é biológico; o “gênero”, social. (...) O “gênero” tem conotações de um comportamento aprendido de um imenso fundo comum de sugestões presentes em todas as culturas e de um sistema compacto, intrincado, embora habitualmente sutil, de recompensas e punições, nos quais toda pessoa vive, a partir do nascimento.<sup>36</sup>

Apesar de inovar, apresentando o gênero como algo independente – mesmo que congruente na maioria das vezes – do sexo, a homossexualidade continua sendo uma inversão do desejo “normal”, sendo passível de tratamento<sup>37</sup>. Foram necessárias mais algumas décadas até que a homossexualidade fosse retirada do Código Internacional de Doenças, o que ocorreu em 17 de maio de 1990. Em 18 de junho de 2018 foi a vez da transexualidade ser retirada da seção dos distúrbios mentais do CID. Entretanto, o discurso patologizante continua a ser utilizado nos debates de enfrentamento à população lgbti+.

### **Sob a palmatória da escola**

Mas não são apenas os discursos médicos ultrapassados e os religiosos excludentes os pela manutenção de um lugar marginal para os lgbti+. Em 18 de outubro de 1999, no caderno Folhateen, da **Folha de S. Paulo**, o estudante Paulo (nome fictício), de quatorze anos, denunciou a escola particular da zona leste de São Paulo na

---

35 MARMOR, Judd. A inversão sexual – as múltiplas raízes da homossexualidade. Rio de Janeiro: Imago, 1973, do original *Sexual inversion – the multiple roots of homosexuality*. New York: Basic Books, 1965.

36 Idem, ibidem, p. 165-166.

37 Idem, ibidem. Ver, em especial, a “Parte III”, p. 149-280, notadamente o capítulo 17, p. 243-280.

qual estudava e que pretendia expulsá-lo quando ele se declarou apaixonado por um colega dois anos mais velho.<sup>38</sup> À época, outros homossexuais que passaram pelo mesmo tipo de constrangimento se reportaram a Paulo por meio do mesmo jornal. Marina (nome fictício), de vinte anos, conta como perdeu um ano e, em seguida mudou de escola, quando, em meados dos anos 1990, apaixonou-se por uma colega, recebendo diversas repreensões da direção da escola e afirmava ter “ido parar no gueto gay, onde finalmente fui aceita”. Eduardo Marcelli, em um depoimento distinto, conta como enfrentou seus colegas e, “não tendo sido por eles calado”, conquistou o apoio da direção, em 1983. Já Ricardo (nome fictício), conta como, em 1985, após ter sofrido humilhações por parte de seus colegas e da direção da escola, abalado psicologicamente, encontrou algum alívio no uso de entorpecentes, o que lhe causou transtornos outros, posteriormente. É ele quem se dirige diretamente à escola de Paulo para pedir que sua história não se repita neste jovem.<sup>39</sup>

A direção da escola apontava, à época, uma grande preocupação em preservar o colega de Paulo, por quem este se apaixonara. Em 1º de novembro de 1999, o jornal publicava outra matéria citando o abaixo-assinado firmado por 270 alunos da escola, por meio do qual diziam que “o colégio é conservador, mas não é preconceituoso. O problema não está no fato de o garoto ser homossexual, e sim no prejuízo da coletividade. Essa situação vem causando um grande constrangimento à vítima, que, no nosso modo de ver, é o assediado [o colega por quem Paulo se apaixonara]”.<sup>40</sup>

A mesma edição apresentava outra matéria, baseada nas informações de Paulo e nas declarações da delegada da Divisão de Proteção à Pessoa da Polícia Civil de São Paulo, na qual apresentava os temores do garoto naquele momento, o de ser agredido ou morto. “Ligam para minha casa dizendo que eu vou morrer”, afirmava Paulo. Alunos de outras escolas próximas à de Paulo rumavam no momento de sua saída para espancá-lo, levando-o a buscar proteção junto à polícia.<sup>41</sup>

O caso terminou quando, em dezembro daquele ano, a família decidiu mudar-se para o Paraná para preservar o filho. “A direção do colégio negou que se tratava de preconceito. Para o diretor, Paulo criou um problema para o colega depois de se declarar apaixonado por ele.”. Paulo afirmava, ainda, não gostar da ideia de deixar amigos e o próprio colégio, mas compreendia que os pais buscavam o melhor para ele. Encerrava sua participação nas páginas do jornal afirmando que “de onde for, pretendo continuar a fazer tudo o que puder pelos direitos dos homossexuais.”<sup>42</sup> Aqui, cumpre retomar as proposições de Eribon, ao afirmar que a injúria tem o poder de “marcar

---

38 RUIZ, Sílvia. Aluno homossexual é ameaçado com expulsão. Folha de S. Paulo, Folhateen, 18/10/1999. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm1810199902.htm>, consultado em 23/09/2010.

39 RUIZ, Sílvia. “Eu também passei por isso”. Folha de S. Paulo, Folhateen, 25/10/1999, p. 7-6.

40 RUIZ, Sílvia. Alunos defendem a escola. Folha de S. Paulo, Folhateen, 01/11/1999, p. 7-5.

41 RUIZ, Sílvia. Garoto diz estar sofrendo ameaça. Folha de S. Paulo, Folhateen, 01/11/1999, p. 7-5.

42 RUIZ, Sílvia. Aluno gay ameaçado de expulsão vai sair da cidade. Folha de S. Paulo, Folhateen, 20/12/1999, p. 7-3.

minha consciência, com essa ferida ao inscrever a vergonha no mais fundo de minha mente. Essa consciência ferida, envergonhada de si mesma, torna-se um elemento constitutivo de minha personalidade.”<sup>43</sup>

Ora, a escola é, pelo que percebemos, também uma instância promotora de injúrias, que humilha, envergonha, molda pelo nefasto a personalidade dos indivíduos e, a partir de sua ação, cria lugares ou leva a lugares, nada abstratos, marginais. A fala final de Paulo é corajosa, mas não sabemos como esse evento foi assimilado pelo garoto nos anos seguintes. De qualquer maneira, ele foi perseguido, ameaçado, humilhado, forçado a deixar escola e cidade em função do lugar a que foi destinado por outrem: e a instituição escolar foi responsável por isso.

Em 25 de fevereiro de 1970, a revista *Veja* publicou matéria intitulada “A consagrada família”, na qual o general-de-divisão Moacir Araújo Lopes, presidente da comissão nacional de Moral e Civismo, do MEC, tratando do esfacelamento da moral brasileira, afirmava que “só há uma forma de barrar a maré crescente de erotismo: fazer retornar à educação brasileira às suas fontes religiosas que o positivismo do século passado [dezenove] aboliu quando instituiu o ensino laico.”<sup>44</sup> A utilização da instituição escolar, apontava acertadamente Michel Foucault, é importante para moldar o indivíduo. O “molde” é escolhido por aqueles que se arvoram, a partir de seu poder político (e, por vezes, econômico), a ditá-lo. A proximidade dos discursos religioso e educacional, mesmo em um estado laico, parece ser a tônica.

A escola, formada por professores, alunos, diretores, coordenadores, auxiliares, familiares, carrega as visões de mundo de todos esses agentes. O que ocorre, porém, é que há um elemento frágil – quando isolado –, o discente. Ele é, teoricamente, tutelado por seus pais e pela escola. Internamente, aquele aluno que foge à norma, sofre também a repressão de seus colegas. A escola, de espaço de formação intelectual passa, assim, a fonte de sofrimento para muitos jovens. Importante ressaltar a incapacidade frequente dos professores de tratarem, de maneira adequada (igualmente), os alunos homossexuais. Quando não, deliberadamente, perseguirem tais alunos a partir de suas convicções sobre o que é natural, anti-natural, moral, imoral, certo, errado. Andréa Rama escreve:

Quase 20% dos estudantes de escola pública entre 15 e 29 anos não gostariam de ter um colega de classe travesti, homossexual, transexual ou transgênero – sendo que, no caso dos meninos, este percentual sobe para 31%. Entre esses dados, relatados na pesquisa “Juventudes na Escola, Sentidos e Buscas: Por que frequentam?” (2015), e o atentado ocorrido em Orlando, numa boate voltada ao público LGBT, há uma distância enorme, mas as raízes podem ser similares, ligadas à incapacidade crescente, em

43 ERIBON, Didier. Reflexões sobre a questão gay. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008, p. 28-29.

44 A CONSAGRADA FAMÍLIA. *Veja*, 25 de fevereiro de 1970, p. 56.

nossa cultura, de lidar com as diferenças e aceitar a diversidade – desde questões de gênero, até mesmo opiniões pessoais.<sup>45</sup>

A escola, como os demais espaços da sociedade, está em disputa. Como parte do corpo social, ali encontramos diversas visões de mundo sendo colocadas uma ao lado da outra, ou, deveria ser assim, já que a escola também pode ser o local no qual se ensina-aprende-pratica o convívio com a diferença. Uma questão a ser colocada é sobre quem são os agentes de poder que estão, neste momento, influenciando hegemonicamente neste ambiente.

### Quando não foi tempo de morte?

Na margem a que foram lançados os lgbti+ – ou para onde muitos se dirigiram em fuga – foram criadas estratégias de sobrevivência, laços de solidariedade, como aponta Didier Eribon, ao tratar da importância do êxodo dos homossexuais para os grandes centros urbanos e a criação, ali, de novos laços afetivos, sexuais, sociais.<sup>46</sup> No Brasil, esta sociabilidade foi objeto de estudos que descrevem as praças e parques das grandes cidades como principais espaços utilizados pelos homens que buscavam sexo com outros homens. Ressalto o aspecto público de tais lugares, em detrimento de locais fechados ou mesmo recintos como hotéis ou quartos de aluguel nas zonas boêmias destas cidades, de onde poderiam ser expulsos. Assim, a margem, lugar da segregação, é, também, espaço para expressar desejo.

Tomar as ruas é uma das principais características daquilo que podemos chamar de movimento de afirmação homossexual contemporâneo, mais recentemente, movimento lgbti+. O primeiro “evento” do tipo ocorreu quando, em 28 de junho de 1968, homossexuais levantaram-se contra os desmandos da polícia nova-iorquina que davam mais uma batida e tentavam prender os frequentadores gays do bar Stonewall. Naquela oportunidade, gays e travestis se rebelaram e, à medida que se noticiava tal ocorrência, chegavam reforços policiais e também para os revoltosos. Em São Francisco havia também, à época, um *Hallowenn* gay, marcha festiva do mês de outubro.

A partir de 1969, as marchas assumiram um caráter abertamente político por parte da comunidade lgbti+ que ambicionava o fim das constantes batidas policiais, da discriminação em seus lares e no trabalho e outras demandas do tipo. Vinte e oito anos separaram tal iniciativa nos Estados Unidos da América e no Brasil. Ocorreu que, após poucas edições, a marcha brasileira de São Paulo tomou proporções tamanhas que a levaram ao **Guinness World Records** em 2006, como a maior do mundo.

Na passagem dos anos 1970 para a década seguinte, surgiram os primeiros

---

45 RAMAL, Andrea. A homofobia começa em casa e na escola. G1. Disponível em <http://g1.globo.com/educacao/blog/andrea-ramal/post/homofobia-comeca-em-casa-e-na-escola.html>. Acesso em 7 de dez. de 2019.

46 ERIBON, Didier. Reflexões sobre a questão gay. Op. cit.

grupos de liberação homossexual brasileiros. O pioneiro Somos: Grupo de Afirmação Homossexual (São Paulo), seguido do Grupo Gay da Bahia (Salvador), Atobá (Cidade), Triângulo Rosa (Cidade), Movimento Gay de Minas (Juiz de Fora) e tantos outros assumiam, à época, um discurso marcadamente político e de busca de espaço na sociedade brasileira. Era uma tentativa de romper o espaço marginal e garantir uma qualidade de existência e expressão do amor e do erotismo entre sujeitos do mesmo sexo e de gêneros distintos.

É certo afirmar que o advento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA, mais conhecida pela sigla em língua inglesa, Aids) levaria os movimentos de liberação homossexual para novos rumos, nacional e internacionalmente.

Em primeiro lugar, é preciso lembrar que um número imenso de quadros dos movimentos foi acometido da síndrome, levando-os à morte, debilitando, assim, inúmeros grupos. Em segundo lugar, a Aids foi um dos motivos para um vertiginoso crescimento da homofobia, com base no discurso moral-religioso da punição divina. “Aquelas bichas”, em razão de toda sorte de atos libidinosos mais tolerados a partir dos anos 1960, enfim, sentiam em suas carnes “o peso da mão divina”, esmagando-as. “Aquelas bichas”, continuaram os conservadores, além de sofrerem a devida punição pelo tipo de vida mundana que levavam, mereciam mesmo a morte, sobretudo porque pais e mães de família também eram contaminados a partir de seu sangue. Inúmeros afetados pela Aids morriam à época em quartos insalubres nos fundos das casas de suas famílias ou nas ruas. Diante da epidemia, os grupos já existentes e outros que viriam a seguir, optaram por auxiliar os atingidos, oferecendo-lhes o amparo muitas vezes negado pelas famílias, amantes ou amigos<sup>47</sup>. As disputas políticas de liberação sexual foram deixadas momentaneamente de lado para dar lugar à assistência aos doentes.

A Aids traria ainda uma outra forma de encarar a própria sexualidade. Os contatos com muitos parceiros (sobretudo no que tange aos homens) tornaram-se algo pernicioso, como já o fora pelo discurso heteronormativo de base religiosa e/ou médico-legal. A monogamia dos homossexuais foi introduzida como algo bom em detrimento da promiscuidade, algo ruim.

A população lgbti+ é veiculada pela mídia cotidianamente, representada em horário nobre, enchendo ruas e praças pelo país. Entretanto, a impressão é de que, como quaisquer outros grupos sociais que não os hegemônicos, são rapidamente incorporados à paisagem; objetos, não indivíduos, borrões. É preciso que o pudor burguês/religioso seja ofendido para que haja alguma manifestação. Assim, assassinatos de homossexuais não trazem qualquer sentimento; a ira, porém, vem do beijo, do afago.

---

47 Em 1984 a transexual Brenda Lee (Cícero Caetano Leonardo), assassinada em maio de 2000, recebia em sua casa, até então chamada “Palácio das Princesas”, o primeiro portador do HIV. Dois anos depois, seria criada a “Casa de Apoio Brenda Lee”, uma das primeiras instituições fundadas para receber os “doentes sociais” vítimas da Aids – aqueles que já não precisavam da internação hospitalar, rejeitados pela família e amigos, que não tinham mais para onde voltar. Informações disponíveis em <http://www.brendalee.org.br/>, Acesso em: 16 de fev. 2011.



Feito o esforço de ultrapassar os estereótipos negativos construídos sobre a população lgbti+, é preciso impedir que novamente os grupos hegemônicos consigam disseminá-los. Há que se criar, ainda, laços de solidariedade reais. A visibilidade, como vimos, não garantiu a ruptura com este esquema. Entretanto, foi um passo dado.

É preciso retomar o caráter mais radical e contestador da sexualidade – e, por conseguinte, das sexualidades e experiências de gênero divergentes da heteronormativa. É preciso fazer ruir os estereótipos e a linguagem que os acompanha: “Para mim, todas essas palavras – puta, lésbica, bicha, sapatão fancha, pitomba, viado, corno, racha, bofe, foda, caralho, saco, porra – só podem ser minadas por um comportamento libertário esvaziando seu sentido pejorativo e até ofensivo”, escreviam Herbert Daniel e Leila Mícolis no início dos anos 1980<sup>48</sup>.

Em tempos de morte, a população lgbti+ tem seus sobreviventes. A morte simbólica e a morte física acompanham estes sujeitos. A legislação tem sido alterada, visando a garantia de direitos; números têm sido mostrados para evidenciar a permanência da violência. Mas, parece que isso é pouco. É importante que uma mudança seja realizada no campo educacional para que a cultura de violência na qual este país está fundado seja substituída por uma cultura de convívio com a diferença. Além disso, há que se elaborar e colocar em prática políticas que ambicionem romper com a subalternização, seja ela ocasionada por descritores étnicos, de classe, de orientação do desejo, de experiência de gênero, de geração, entre outras. É preciso que este país seja para todos, ou permaneceremos como uma sociedade para poucos, alimentada pela morte de muitos.

Recebido em 15 de agosto de 2019.

Aprovado em 28 de novembro de 2019.

---

48 MÍCOLIS, Leila & DANIEL, Herbert. Jacarés e Lobisomens – dois ensaios sobre a homossexualidade. Rio de Janeiro: Achimé, 1983, p. 79.